

Produtos e compatriotas
que deram corda
aos sapatos e partiram

do Norte e Centro para o mundo



**Filipe
de Botton,
presidente
do Conselho
da Diáspora p4**



**Vestuário
para
campeões
europeus p5**

**Moldes:
Indústria
portuguesa
de ponta p6**

**O profano
e o pio no
regresso à
terra natal p7**

EDITORIAL

IDE. É urgente.



FOTO: DR

Não, não se trata de um apelo à emigração, é do Investimento Directo Estrangeiro que aqui se fala.

O tempo que vivemos encurta distâncias, esbate fronteiras e unifica línguas. Mas o sangue continua a ser derramado, a dor e a pobreza continuam a abrir noticiários e o fim da História, anunciado por Hegel e retomado por Fukuyama, ainda nem se vislumbra num horizonte longínquo.

A liberdade de espírito e iniciativa e o desenvolvimento tecnológico tornaram imparável a globalização e o aumento da produção dos bens e serviços que nas últimas décadas arrancaram da pobreza mais extrema milhões de pessoas. Não sem danos colaterais. Um deles, o agravamento da distribuição desigual da riqueza, também nas economias mais desenvolvidas, tem vindo a dar voz grossa - e crédito junto de largos sectores sociais - a demagogos e populistas.

Uma das suas bandeiras é o proteccionismo que quer voltar a erguer muros de triste memória. Os portugueses, que ocupam um lugar único na história da humanidade porque abriram novos mundos ao mundo, não podem cair nessa esparrela e embuste. A livre de circulação de ideias, pessoas e mercadorias é uma condição necessária para a saída da crise e o desenvolvimento do país.

Outra dessas condições é a disponibilidade de capitais para investir. E se, como muitos sustentam, dentro de fronteiras existem meios, o que falta, nas condições presentes, é a vontade de os aplicar, que se criem então as melhores condições para captar mais investimento estrangeiro. Que seja bem-vindo e recebido. É urgente.

António Salaviza Manso

PORTUGAL NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Um perfil dinâmico das exportações

Nas últimas décadas e num quadro macroeconómico em que atravessámos conjunturas internacionais bem distintas, a economia nacional no seu conjunto ficou marcada pelo abrandamento senão mesmo a quase estagnação do crescimento.

Paradoxalmente, ou talvez não, o sector exportador português revelou uma enorme dinâmica nos planos macro e microeconómico e até mesmo anível estrutural.

Comecemos por este. De 1995 a 2013, a indústria perde terreno para os serviços. Não surpreende: é o conhecido fenómeno da terciarização das economias mais desenvolvidas, ou da desindustrialização do país.

De forma talvez surpreendente a contribuição do sector primário para as exportações cresce. É o resultado da integração crescente da agricultura tradicional na fileira agroalimentar, com os consequentes aumentos do investimento, nalguns casos estrangeiro, a introdução de processos produtivos inovadores e mão-de-obra mais qualificada e dinâmica. O que acaba por se traduzir em aumentos da produtividade e consequente "upgrading" da produção agrícola na cadeia de valor acrescentado.

Apesar da retracção verificada no peso da indústria transformadora no conjunto das exportações, Ricardo Pinheiro Alves, director do Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia revela o que para si é um dos elementos mais salientes na alteração do perfil das exportações das portuguesas nos últimos 20 anos:

"Em primeiro lugar, e muito importante, a indústria reestruturou-se e deixou de assentar nos baixos custos de produção para passar a competir apostando na qualidade, em mais valor acrescentado e maior orientação para o exterior, o marketing e a comercialização, como se tornou visível nos sectores do têxtil, calçado e do agroalimentar."

E acrescenta a requalificação os recursos humanos: "Repare que na Volkswagen, por exemplo, quem se encontra nas linhas de montagem, em muitos casos, são engenheiros. Mais qualificados e mais bem remunerados!"

O quadro aqui publicado permite uma análise mais fina às dinâmicas do sector exportador, no que se refere ao contributo dos diferentes bens e serviços que as empresas portuguesas foram colocando ao longo dos últimos

vinete anos nos mercados internacionais. Destacamos alguns dos aspectos mais relevantes:

Uma redução do peso dos bens no total das exportações, passando de 77,1% para 66,9%, com a redução do peso dos "Têxteis, vestuário e seus acessórios" de 17,4% para 6,6%; do "Calçado, peles e couros" de 6,3% para 2,9% e do "Material de transporte terrestre e suas partes" de 11,3% para 7,3%. Pelo contrário aumentou a importância relativa das Agro-alimentares" de 5,9% para 8,5%; dos "Energéticos" de 1,7% para 3,0% e dos "Químicos" de 4,6% para 6,4%;

Um aumento do peso dos serviços (de 26,5% para 34%), com três categorias a variarem de forma positiva: "Outros serviços fornecidos por empresas" (de 1,9% para 6,2); "Transportes" (de 4,1% para 7,7%); "Viagens e Turismo" (de 14,7% para 15,4%).

Evolução do perfil das EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE BENS E SERVIÇOS

Bens	Milhões de Euros (a preços constantes)			% do total dos Bens			% do Total de Bens e Serviços		
	1996	2005	2015	1996	2005	2015	1996	2005	2015
Total B&S (Balança Pagamentos)	32.085	48.195	75.266				100,0	100,0	100,0
Total Bens	24.736	35.051	50.372	100,0	100,0	100,0	77,1	72,9	66,9
Agro-alimentares	1.891	3.063	6.419	7,6	8,7	12,7	5,9	6,4	8,5
Energéticos	555	1.426	3.851	2,2	4,1	7,6	1,7	3,0	5,1
Químicos	1.476	3.667	6.343	6,0	10,5	12,6	4,6	7,6	8,4
Madeira, cortiça e papel	2.289	3.129	4.087	9,3	8,9	8,1	7,1	6,5	5,4
Têxteis, vestuário e seus acessórios	5.584	4.648	4.948	22,6	13,3	9,8	17,4	9,7	6,6
Calçado, peles e couros	2.024	1.556	2.190	8,2	4,4	4,3	6,3	3,2	2,9
Minérios e metais	1.361	3.179	4.897	5,5	9,1	9,7	4,2	6,6	6,5
Máquinas e aparelhos e suas partes	4.000	6.807	7.347	16,2	19,4	14,6	12,5	14,2	9,8
Material de transp. terrestre e suas partes	3.628	4.516	5.468	14,7	12,9	10,9	11,3	9,4	7,3
Aeronaves, embarcações e suas partes	185	364	280	0,7	1,0	0,6	0,6	0,8	0,4
Produtos acabados diversos	1.743	2.697	4.542	7,0	7,7	9,0	5,4	5,6	6,0
Serviços	Milhões de Euros (a preços constantes)			% do total dos Serviços			% do Total de Bens e Serviços		
	1996	2005	2015	1996	2005	2015	1996	2005	2015
Total B&S (Balança Pagamentos)	32.085	48.195	75.266				100,0	100,0	100,0
Total Serviços	6.515	13.713	25.601	100,0	100,0	100,0	26,5	28,5	34,0
Transportes	1.315	2.727	5.809	15,4	19,9	22,7	4,1	5,7	7,7
Viagens e Turismo	4.720	6.978	11.566	55,4	50,9	45,2	14,7	14,5	15,4
Ser. de trans. de recursos materiais pertencentes a terceiros	435	358	329	5,1	2,6	1,3	1,4	0,7	0,4
Serviços de manutenção e reparação	268	386	432	3,1	2,8	1,7	0,8	0,8	0,6
Construção	267	343	549	3,1	2,5	2,1	0,8	0,7	0,7
Serviços de seguros e pensões	38	93	127	0,5	0,7	0,5	0,1	0,2	0,2
Serviços financeiros	383	309	404	4,5	2,3	1,6	1,2	0,6	0,5
Direitos cobrados pela utilização de propriedade intelectual n.i.n.r.	17	42	80	0,2	0,3	0,3	0,1	0,1	0,1
Serviços de telecomunicações, informáticos e de informação	291	570	1.277	3,4	4,2	5,0	0,9	1,2	1,7
Outros serviços fornecidos por empresas	616	1.575	4.667	7,2	11,5	18,2	1,9	3,3	6,2
Serviços pessoais, culturais e recreativos	91	186	212	1,1	1,4	0,8	0,3	0,4	0,3
Bens e serviços das administrações públicas n.i.n.r.	74	146	148	0,9	1,1	0,6	0,2	0,3	0,2

Fonte: GEE, Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia, a partir de dados de base do INE e do BdP | Nota: Bens - INE, Comércio Internacional de Mercadorias | Serviços - Banco de Portugal, Balança de Pagamentos | Esta situação conduz a que os valores dos bens e serviços não correspondam à soma das partes e por conseguinte os pesos individuais dos bens e dos serviços não somem 100%.

